Revelação

Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social

UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

Ano VII•nº265•Uberaba/MG•de 21 a 27 de outubro de 2003

Histórias de um herói

A luta de Paulo Roberto da Silva, um homem que coleciona desafios

pags. 6 e 7

Professores pintam e bordam na TV

págs. 3 e 4

issuu-downloader.com

Editorial

História pra lá de emocionante

Para refletir e pensar, nesta edição, contamos com uma bela história de vida de uma pessoa que mesmo com todas as dificuldades não deixou de estampar o sorriso no rosto.

Paulo, deficiente físico, passou e passa por todas as dificuldades de uma pessoa portadora de problemas físicos.

Graziela Christina retrata a história deste sorridente homem que é membro da Associação de Deficientes Físicos de Uberaba, ADEFU.

Vale a pena conferir!

"Fuga" é lançado na Fundação Cultural

Livro traz reminiscência da antiga Uberaba

A Fundação Cultural de Uberaba convida para o lançamento do livro "Fuga", de Rubens Ribeiro, vencedor do concurso literário da cidade promovido em 2002.

O evento será realizado dia 29 de outubro, às 14h30, no saguão da Biblioteca Municipal Bernardo Guimarães, dentro da Semana Nacional do Livro e da Biblioteca.

A obra fala sobre a história da família Ribeiro e remonta à década de 30, do século passado, tendo como pano de fundo a cidade e diversos personagens de Uberaba.

Patrimônio cultural promove cidadania

Luana Loren (*)

O patrimônio cultural, advindo do processo de formação da sociedade, é a parte vital para a análise dos traços culturais de qualquer nação. O processo de tombamento de monumentos históricos mantem viva a identidade cultural dos povos e permite a harmonia entre estes.

Atitudes que valorizem o patrimônio histórico de Uberaba merecem todo o apreço daqueles conscientes dos deveres de cidadão

Contudo, a distorção do conceito de modernidade leva a sociedade à soberba consciência de que sua formação independe de vestígios históricos, resultando em um pleno desinteresse para com a conservação memorial e monumental do patrimônio.

Em uma época na qual o apego sórdido ao dinheiro provoca avaria nas opiniões cívicas, qualquer atitude com o intento de valorizar o patrimônio histórico da cidade de Uberaba, merece todo o apreço daqueles conscientes dos deveres de ser cidadão.

* Estudante do ensino médio

OMBUDSMAN

Auto-afirmação profissional

Newton Luís Mamede

Assim como se afirma, há muitas décadas, que o ministério docente universitário necessita de reformulação na linha do aprimoramento da qualidade e da consciência profissional, pode-se afirmar, com maior ênfase e segurança, que essa reformulação deve ser, acima de tudo, de autovalorização e, conseqüentemente, de auto-afirmação profissional. É certo e por demais sabido que uma classe somente se impõe de dentro para fora, com luta e esforço próprios, e não na espera de que os outros o façam por ela. Principalmente se se considerar que a profissão de professor não é liberal, mas exercida com vínculo empregatício e remunerada como trabalho assalariado. E o meio mais eficaz de promover a valorização e a auto-afirmação profissional do magistério é o estabelecimento de um plano forte e urgentemente exeqüível de carreira docente.

É certo e por demais sabido que uma classe somente se impõe de dentro para fora, com luta e esforço próprios, e não na espera de que os outros o façam por ela

Nas universidades públicas (federais e estaduais), a carreira docente já vem sendo regularizada dentro dos padrões e das exigências oficiais, mas ainda há muito por fazer, tanto no aperfeiçoamento do pessoal docente quanto na valorização profissional do magistério. Já em instituições particulares, mormente nas do interior, o plano de carreira é incipiente, e o que está por fazer é muito mais vasto do que o que já foi ou está sendo feito.

Já são históricas as lutas por "melhoria do ensino", "melhoria de condições de trabalho" e, evidentemente, "melhor remuneração", no exercício profissional do magistério. Contraditoriamente, essas reivindicações e movimentos são muitíssimo mais freqüentes nas universidades públicas do que nas particulares. Todavia, seja qual for a *categoria* das instituições universitárias, públicas ou privadas, as lutas não surtem efeito, não sensibilizam autoridades nem patrões sem a autovalorização e a auto-afirmação do magistério como profissão autônoma, dotada de identidade própria. Ou como profissão independente. O seu lugar no contexto profissional e social não será reconhecido enquanto continuar sendo considerada e tratada, nas instituições universitárias brasileiras, como apêndice, como segundo emprego, como complemento de outras profissões exercidas pela mesma pessoa, ou como *bico*. Fato que ainda acontece por esses *Brasis*.

Isso ocasiona a conhecida e *badalada* crise por que passa a universidade e, em conseqüência, o ensino universitário e o magistério. Tríplice crise que se torna uma só. Todavia, não se pode conformar com isso e "deixar acontecer". A luta, a revolução, a subversão dessa ordem deve partir do interior, de dentro de cada professor e do conjunto, do interior da própria classe. A valorização clamada e reclamada jamais acontecerá sem uma bem estruturada consciência de classe e conseqüente autovalorização. Consciência não só de reivindicações de direitos e de condições dignas de trabalho, mas consciência do núcleo, da substância, da essência mesma do magistério, dessa profissão que se deve exercer por vocação e com responsabilidade e honestidade. Isto é, com a consciência de uma profissão distinta e autônoma. Consciência que gera e estabelece a auto-afirmação profissional da classe do magistério.

Newton Luís Mamede é Ombudsman da Universidade de Uberaba

Revelação Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social, produzido e editado pelos alunos de Jornalismo e Publicidade & Propaganda da Universidade de Uberaba (revelacao@uniube.br)

Supervisora da Central de Produção: Alzira Borges Silva (alzira.silva@uniube.br) • • • Edição: Alunos do curso de Comunicação Social • • • Projeto gráfico: André Azevedo (andre.azevedo@uniube.br) Diretor do Curso de Comunicação Social: Edvaldo Pereira Lima (edpl@uol.com.br) • • • Coordenador da habilitação em Jornalismo: Raul Osório Vargas (raul.vargas@uniube.br) • • • Coordenadora da habilitação em Publicidade e Propaganda: Karla Borges (karla.borges@uniube.br) • • • Professoras Orientadores: Norah Shallyamar Gamboa Vela (norah.vela@uniube.br), Neirimar de Castilho Ferreira (neiri.ferreira@uniube.br) • • • Técnica do Laboratório de Fotografia: Neuza das Graças da Silva • • • Analista de Sistemas: Cláudio Maia Leopoldo (claudio.leopoldo@uniube.br) • • • Reitor: Marcelo Palmério • • • Ombudsman da Universidade de Uberaba: Newton Mamede • • • Jornalista e Assessor de Imprensa: Ricardo Aidar • • • Impressão: Gráfica Imprima

Fale conosco: Universidade de Uberaba - Curso de Comunicação Social - Jornal Revelação - Sala L 18 - Av. Nenê Sabino, 1801 - Uberaba/MG - CEP 38055-500 • • • Tel: (34)3319-8953 http:/www.revelacaoonline.uniube.br • • • Escreva para o painel do leitor: paineldoleitor@uniube.br - As opiniões emitidas em artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores

issuu-downloader.com

Dia dos professores

Ele pintaram e bordaram!

Professores mostram que também sabem fazer arte

Fábio Luís da Costa
3º período de Jornalismo

Quem com pó de giz
Um lápis e apagador
Deu o verbo a Vinícius
Machado de Assis, Drummond?

Quem ensinou piano ao Tom?
Quem pôs um lápis de cor
Nos dedos de Portinari,
Picasso e Van Gogh?

Inúmeras perguntas, como estas citadas na música, poderiam ser feitas e a resposta sempre seria a mesma: o Professor.

A letra dessa música de Amilson Godoy e Celso Viáfora ilustra bem a artífice do mestre que nos ensina e aprende, a cada dia, a fantástica e árdua tarefa da construção do conhecimento.

No Centro Cultural Cecília Palmério, neste úlltimo dia 15, teve um *show* destes profissionais que, além de transmitir conhecimento, agregar valores e ter a humildade de ensinar, são verdadeiros artistas.

Médicos, odontólogos, jornalistas, administradores, enfim, professores, fizeram a festa para os alunos.

Além de músicas, artes plásticas, danças típicas, declamação de poemas, contos e dublagens, esses profissionais alegraram o dia, em homenagem aos alunos. Largaram o pó de giz para nos conceder um pouco de seus talentos, que não ficam somente dentro das salas de aula.

Professor é aquele que busca caminhos para que todos aprendam juntos

Além de exibir seus quadros feitos através de colagens, o professor Franciscon, do curso de Mecicina, arrastou um tango e tocou Brasileirinho no acordeão

Fábio Luís da Costa

Coral da Escola Municipal Rural Maria Carolina Mendes cantou duas músicas que homenagearam os professores

Abertura

O coral da Escola Municipal Rural Maria Carolina Mendes abriu a apresentação, cantando músicas em homenagem aos professores presentes. O Coral, composto por 40 crianças, está inserido no projeto Canto Coral da cidade de Uberaba. A professora de música e pedagoga Rose Priscila, diz que cerca de 19 escolas participam deste projeto. Para ela, o projeto tem grande importância na vida pessoal e escolar do aluno, pois a atenção e a socialização se fazem presentes. "O convívio em grupo é imprescindível para uma vida menos individual." Ela ainda acrescenta que músicas com fundamentos e de boa qualidade são essenciais para o aprimoramento cultural de qualquer pessoa.

Além do Coral, vários professores cantaram, tocaram piano e até dançaram.

Ter um professor que lida com a arte é ter uma pessoa sensível, capaz de ser dinâmico ao transmitir os conhecimentos

Danças "calientes"– como Salsa – foram apresentadas pelos professores do curso de Comunicação Social.

Para o professor e doutor em Ciências da Comunicação, Adrián Fernandez, ser professor é ser facilitador de conhecimentos. "Na área universitária, o professor é o reflexo do que seria a profissão do aluno. A troca de conhecimento específico, a experiência que o professor passa é importante". Adrián ressalta ainda que o professor é uma pessoa normal e não o dono do conhecimento absoluto. "Aliás, não existe verdade absoluta", conclui.

Cíntia Cunha, também professora no curso de Comunicação, dançou duas músicas árabes e vai além. Segundo Cíntia, professor é a referência do estudante, ele não é aquele que só ensina; professor é aquele que busca caminhos para que todos aprendam juntos. "O ofício de dar aulas é nobre e isso me encanta," diz a professora.

Não importa a área que o estudante atuará, ter um professor que lida com a arte é ter uma pessoa sensível, capaz de ser dinâmico ao transmitir os conhecimentos.

No curso de Odontologia, muitos professores são mestres e artistas – pleonasmo seria essa expressão? Ester e Rinaldo, casados e filhos de professores, cantaram belas músicas de Chico Buarque, Tom Jobim e Vinícius de Moraes, alegrando a professora e colega de profissão Ana Maria Vogt. A professora que, também fez uma belíssima apresentação com sua filha Luísa e sobrinha Mariana, relembrou os velhos tempos, quando ouviu a música Luíza de Chico. A professora

Cíntia Cunha, professora no curso Jornalismo, exibiu um número de dança do ventre

issuu-downloader.com

Ester compara a Odontologia como uma espécie de arte, onde exige uma sensibilidade no exercício da profissão. "Tenho pouca dificuldade com os alunos, pois a música e o piano favoreceram o meu trabalho, tanto no lado de professora, quanto no lado de odontóloga".

A turma de professores de Odonto marcou presença. Como não poderia deixar a festa passar em branco, doutor Sultan Mattar também deu o ar de sua graça. Com belos quadros mostrados, ele prova que com 52 anos de profissão não consegue ficar parado. Vale lembrar que o doutor Sultan recebeu, neste ano, o Jubileu de Ouro, na Universidade de Uberaba, tamanha sua dedicação e profissionalismo.

Regina Marques, psicóloga e contadora de histórias, diz que seu trabalho é resgatar nas crianças a imaginação e a fantasia, que estão sendo perdidas gradativamente

Há várias formas facilitadoras que ensejam a prática de dar aulas. O piano, as danças e as velhas e boas histórias que marcaram presença na festa.

Boas histórias foram contadas, aquelas fábulas que pouco se escuta hoje em dia. *Causos,* declamação de poemas e até inocentes piadas.

Regina Marques, psicóloga e contadora de histórias, diz que seu trabalho é resgatar nas crianças a imaginação e a fantasia, que estão sendo perdidas gradativamente.

"Não basta contar histórias, é preciso entendê-las." Comenta a professora.

Valores

Algumas pessoas não dão valor aos professores. Pensam ainda que essa classe é a pior que existe. Pessoas retrógradas pensam que professor é simplesmente professor e aluno é simplesmente aluno. Enganam-se!

Os professores de hoje, além de ter a humildade de aprender com estudante, tem a essência da arte em suas vidas.

Como citados, muitos não ficam somente no pó de giz ou no famoso quadro verde. Tocam piano, acordeom, violão, entre outros instrumentos. Divertem-se, vivem e nos brindam com alegria e artes.

De Roberto Carlos à The Beatles, de Edith Piaf à Patti Smith, várias canções foram interpretadas.

Chico Buarque também foi lembrado com as músicas Luíza e Eu te amo. Cantores que transmitem sentimentos e que tiveram suas músicas relembradas por alguns mestres.

O Rouxinol da França, a pomposa Edith Piaf, foi lembrada pela professora Neli Mauad. Ao piano, com seus intensos dedos deslizando nas teclas e com uma suave voz, a professora diz que a música é a univesalização das linguagens, onde alcança todos.

Entre todas as mostras apresentadas, temos uma noção que o professor é um ser dúbio. Artistas e contínuos no processo de educador.

É... Só se faz um país
Com professor
Um romance, um croqui
Com professor
Um poema de amor, "Dindi"
Um país pra ensina seus jovens ..."

A letra desta música é antagônica a Monteiro Lobato que diz que um país só se faz com homens e livros. Mas o que seria desses homens e desses livros, sem um mestre ao lado para orientar?

Fábio Luís da Costa

Professor Otaviano (segurando a guitarra ao alto) relembrou os "bons tempos" do rock'n roll dos anos 50 e 60

Rinaldo e Ester cantam juntos músicas do Chico Buarque e Tom Jobim

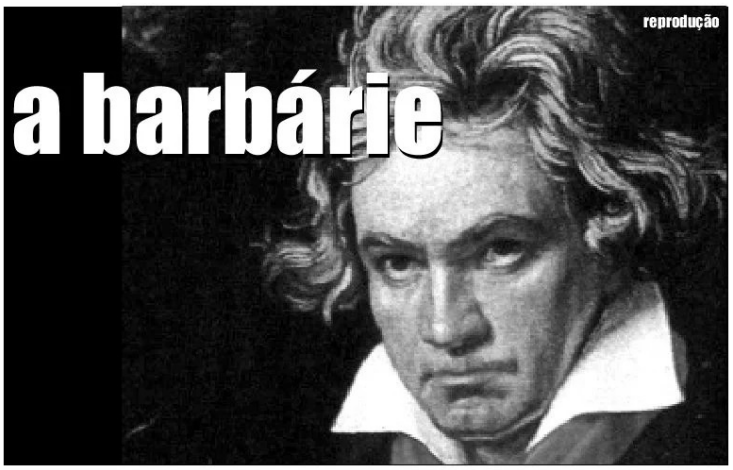
Professora Ana maria Vogt, do curso de Odontologia, junto com a filha Luísa e a colega Mariana, tocaram Moonlight Serenade e All I ask of you, o tema do Fantasma da Ópera

Os colombianos Raul Osório e Shirley, e os venezuelanos Norah Vela e Adrián Padilla, do curso de Comunicação Social,, arrasaram na salsa

issuu-downloader.com

Crônica

Beethoven contra a barbárie


reprodução

André Azevedo da Fonseca
4º período de Jornalismo

Eu estava aguardando uma boa oportunidade, um acontecimento qualquer que servisse de "gancho" para encaixar essa crônica, escrita há dois anos. Como ela não veio, conto-a de forma inoportuna mesmo.

No dia 27 de julho de 2001 o pianista Sylvio Robazzi apresentou um emocionante recital de piano na Centro Cultural Cecília Palmério, em Uberaba. Foram executadas peças fundamentais da tradição clássica, divididas em dois programas – um de compositores mais antigos e outro de músicas do século XX. Sylvio Robazzi é um pianista seguro, desses que sabem dosar a sensibilidade e fúria com a experiência da maturidade. Um programão, desses que nos fazem sair pessoas melhores.

Parte dos consumidores de arte o fazem não pelo refinamento da sensibilidade, mas pela necessidade de parecer sofisticado

No entanto, como sabemos, parte dos consumidores de arte o fazem não pelo refinamento da sensibilidade, ou pelo mergulho inconseqüente na alma; mas como encargo para obter distinção social, em tributo à conveniência de parecer sofisticado. Assim, ser visto em um recital de piano é equivalente a receber da sociedade um diplominha cultural invisível, um atestado de burguês-culto. Esses consumidores, evidentemente, não se deixam envolver na música, não vagabundeiam na multiplicidade de caminhos das harmonias, não se perdem na arquitetura invisível do labirinto de sons. Pragmáticos, acostumados com certezas, negócios, decisões, resultados e recompensas, são impacientes, aborrecidos, querem que a coisa acabe logo para ver logo cumprido o compromisso.

Para eles, ouvir Mendelsson se trata, portanto, de um tédio insuportável, uma espera no dentista, um mal necessário para cumprir com as obrigações simbólicas de classe. Esse público suporta com muita dificuldade uma peça inteira de Vivaldi que, diferentemente do *jingle* de propaganda de desodorante, dura mais que trinta segundos.

Suportar um concerto de piano para elevar o *status* cultural é difícil, mas pedir que prestem atenção, ora, isso já é demais!

Logo chegarei no ponto. A terceira peça apresentada por Robazzi foi *Sonata ao Luar*, de Beethoven. Linda e triste, envolvente e obscura, as notas cambaleiam passos chorosos no piano; vacilam, hesitam, rodeiam, retraem-se em pulsões fluídas de sonho. Lenta como a própria melancolia, em seu primeiro momento, a música é composta sobretudo por seus silêncios, que dizem mais à sensibilidade, naquele contexto, do que faria qualquer nota. Essas ausências pontuadas são os acordes inalcançáveis que Beethoven dedilhou para desnudar a tristeza muda de *Sonata ao Luar*.

Sylvio Robazzi, sem partitura, interpretou a peça com dose serena de emoção. Para hipnotizar-se com esta música, para mergulhar nesse oceano de sensações, bastava que o ouvinte se deixasse levar... O que o músico pede em troca dessa sublime experiência é apenas uma coisa: que o público peste a mínima atenção.

Mas as hordas de consumidores impacientes não são capazes dessas sutilezas de espírito. Suportar um concerto de piano para elevar o *status* cultural é difícil, mas pedir que prestem atenção por 10 minutos, ora, isso já é demais! Solicitar que fiquem calados então, isso sim é quase um ultraje. Acostumados à algazarra onipresente da televisão e dos eventos sociais, a experiência do silêncio torna-se perturbadora, pois provoca algo que estes consumidores não podem suportar por muito tempo: a introspecção, a auto-reflexão.

Por tudo isso, diante das insistentes quietudes de *Sonata ao Luar*, as madames não tinham outra alternativa a não ser preencher de alguma forma os insuportáveis silêncios de Beethoven. Assim, sem combinar, passaram a subir e descer atabalhoadamente as escadas, pisando firme com seus tamancos, *pocotó, pocotó*, caprichando na percussão plástica dos seus saltos, *pocotó, pocotó,* que subiam e desciam, subiam e desciam os degraus. Um *sol* do piano, singelo e triste, era pisoteado pelos saltos alvoroçados; um sussurrado e inocente *si*, minúsculo em seu murmúrio, era febrilmente derrotado por relógios digitais que tiquetaqueavam pi pi pi pi; um *ré* sumido entre dois *dós* não resistia e sucumbia aos cochichos de dondocas e almofadinhas que conversavam sobre o que fazer depois do recital. Essa música é linda, não é? É! Como acho linda! Linda linda linda! É mesmo, linda! Linda mesmo! Linda! Que fome! Onde vamos comer? Ai, vibrou! Ah ah ah ah...

A guerra estava cada vez mais desigual: enquanto Robazzi, íntegro, mantinha a música em seu volume acústico natural, as hordas de madames *pocotó pocotó, pi pi pi, blá blá blá* atacavam ferozmente. Mas o tempo estava ao lado de Ludwig, chegaria a hora da explosão de fúria em *Sonata ao Luar*. Quem conhece a música sabe desse segundo momento. Assim, as notas ensaiaram a triste despedida, deixaram-se morrer num grave magoado, pareceram render-se à evidência da vitória dos bárbaros, à apoteose definitiva do salto alto, ao triunfo do despertador de relogiozinho digital. Para muitos, que nunca ouviram a música, que alívio, pensaram, era o término da ladainha! Alguns chegaram a estalar palmas. Ufa, acabou, enfim!

Mas da morte silenciosa, aparentemente humilhante, eis que renasce, ainda meio cambaleante, uma frase musical – trôpega e longínqua, como aqueles andarilhos que avistamos longe na rodovia. Os relógios e saltos ficam em polvorosa – pocotó pocotó, pi pi pi pi pi pi – pois já parecem pressentir, por algum instinto impossível, o cheiro da tempestade. Gota a gota, eis que a melodia cresce ameaçadora, feito a sombra de um predador, mas recua, em estratégia inesperada, como se tragada por um manto de silêncio.

Os tamancos recrudescem os *pocotó pocotó*, mas os movimentos sinuosos de Beethoven tornam-se cada vez mais insolentes, ameaçadores. Um TLAM TLAM! quase derruba as madames das escadas. Um golpe duro em um dó grave do piano faz as dondocas tremerem e engolirem seco. Todas piscam os olhos ao mesmo tempo, levantando no salão uma poeira de rímel. *Sonata ao Luar* se recurva e rasteja feito serpente... contorce o ventre no lodo... arma o bote... chaqualha o guizo... mas finge que se distrai... finge que a inocência da renascente melodia é sua verdadeira natureza... fecha os olhos e acompanha o ritmo leve com a cabeça... recua... volta a atenção para a harmonia dos acordes... e brutalmente dá o bote! TLAM TLAM TLAMMM!

As madames passaram a subir e descer as escadas, pisando firme com seus tamancos, *pocotó, pocotó*, caprichando na percussão plástica dos seus saltos

Seu golpe vem arrasador como uma tormenta, como um abrir de comportas de uma represa contida até o limite. Com a fúria de um Poseidon enlouquecido, Robazzi desencadeia a tempestade suprema para liquidar as hordas inimigas e enxotá-las ao precipício! Como a Hidra dos pântanos de Lerna, as notas multiplicam-se infinitamente, e a cada uma que se extingue, outras brotam dos dedos do pianista.

Até então, os saltos, relógios e cochichos, que souberam tão bem atacar os silêncios, tremeram arregalados perante a tempestade de notas jorradas do piano. Como em uma vingança avassaladora de todos os deuses dos oceanos, *Sonata ao Luar* reagia com fúria desproporcional ao ataque sofrido. Uma tropa de celulares foi chamada às pressas pelo comando inimigo e passou a atacar Beethoven com toques seqüenciais de chamadas que reproduziam as primeiras notas digitalizadas de *Bolero,* de Ravel; *Carmina Burana,* de Carl Orff; *Suite Nº1 em Dó Maior*, de Bach; e *As Quatro Estações*, de Vivaldi; e *Stayin Alive*, dos Bee Gees; mas neste momento ataque foi prontamente repelido por um exército invisível invocado justamente... pelo público!

Sim, a luta estava tão emocionante que a arena inteira passou a lutar ao lado de Sylvio e Ludwig. Olhares fulminantes, cutucões e beliscões dos próprios espectadores ajudaram a abafar as cavalarias de tamancos, as fragatas de celulares, as baterias de despertadores de relógio e as tropas de cochichos cujos cadáveres foram deixados apodrecendo no campo de batalha. Um massacre! Como Átila, o huno, Beethoven circulava triunfal pelo anfiteatro Cecília Palmério, cavalgando em um unicórnio fabuloso, segurando pelos cabelos os corpos esfolados dos inimigos agonizantes. Depois de uma luta árdua, Beethoven vencera, afinal! Só restava a *Sonata ao Luar* concluir-se num golpe de misericórdia para exibir ao público em êxtase a cabeça ensangüentada, decepada do inimigo. E a última nota ressoou até o fim. Catarse total! O auditório aplaudiu de pé, enquanto Robazzi, ainda absorto na música, sem perceber a guerra que se travara, agradecia com um sorriso e um aceno de cabeça os aplausos.

issuu-downloader.com

História da vida

O herói dos glóbulos em foice

Portador de anemia falciforme, Paulo Roberto da Silva constrói sua vida enquanto desafia a morte a cada esquina

Graziela Christina de Oliveira
1º ano de Jornalismo

Qual foi a última vez que você se irritou porque alguma coisa que você queria não deu certo? Você já parou para pensar se você reclama de tudo? Será que acha que o universo está sempre contra você e que seus problemas são maiores que os de todo mundo? Talvez seja a hora de refletir e parar de se lamentar tanto. Muita gente consegue superar suas dificuldades, dar a volta por cima e continuar seu caminho.

Gente como Paulo Roberto da Silva, que descobriu, muito cedo, uma enorme barreira em sua vida mas, nem por isso, deixou-se intimidar, e luta, com muita garra e determinação, para vencê-la a cada dia.

Ouvir o que ele tem a nos dizer, com tanta alegria e tantos sorrisos, é sentir que podemos superar tudo. Que somos fortes o bastante para vencer qualquer barreira, qualquer degrau...

A doença é hereditária e atinge mais quem é descendente de africano

A doença

Paulo sofre de uma doença que, a cada ano, faz 2.500 novos casos no Brasil, de acordo com dados da Organização Mundial de Saúde (OMS). A doença é hereditária e atinge mais quem é descendente de africano. É responsável pela falciformação das hemáceas (glóbulos vermelhos), ou seja, por fazer com que essas células do sangue ganhem a forma de foice. Ainda não se sabem as causas da enfermidade e, sua cura, também é desconhecida.

Dentro dos glóbulos vermelhos existe um pigmento chamado hemoglobina, que é responsável pela retirada do oxigênio dos pulmões. Em forma de foice, os glóbulos vermelhos ficam mais alongados e nem sempre conseguem passar através de pequenos vasos, bloqueando-os e impedindo a circulação de sangue nas áreas ao redor. Como resultado, causa danos aos tecidos e provoca dor. Se a dor for muito forte, o falcêmico (como é conhecida a pessoa portadora) tem que ser internado.

Paulo descobriu a doença ainda na adolescência, quando tinha 12 anos. Mas o problema se iniciou quando ele era apenas um bebê. Sua tia gostava de passear com ele e mostrá-lo para as amigas. Em um desses passeios, numa festa de São João, a tia de Paulo sofreu um acidente que, até hoje, não está bem esclarecido.

O menino foi encaminhado as pressas para o Hospital da Criança, onde ficou internado por 40 dias, na UTI, todo engessado. A doença foi tratada como desvio de coluna e se agravou. Só mais tarde é que se constatou que se tratava de uma anemia falciforme.

Assim, começaram-se as crises falcêmicas e internamentos. Paulo passava a maior parte do tempo em hospitais, engessado desde o ombro. Com isso, o estudo ficou prejudicado.

Mas as professoras não deixavam Paulo desanimar. Iam até sua casa para ensinar-lhe e aplicar-lhe as provas. Apesar do esforço, às vezes, Paulo entrava numa dessas crises. "Eu ficava fora de mim, perdia os sentidos. Quando voltava, as carteiras estavam quebradas, os meninos gritando, desesperados. Mas eu não conseguia me lembrar de nada, não sabia porque fazia aquilo."

Para contornar as crises, Paulo fez um tratamento em um hospital para doentes mentais. Tinha que tomar remédios muito fortes, mas conseguiu superar esses momentos.

E mesmo com tanta dificuldade, Paulo decidiu voltar a estudar. Tinha abandonado a escola em 1982 quando estava na 5ª série e voltou em 1993. "Eu vi que o esforço físico não me ajudava. Então pensei: vou estudar um bocadinho e desenvolver mais", disse.

Quando retomou os estudos, Paulo começou a brincar de fazer frases para as colegas. Cada dia era para uma. "Vinha a pessoa e eu falava li na hora para ela", conta.

Os colegas e professores gostaram muito e passaram a pedir frases a Paulo, que, então, começou a escrever cada vez mais. O problema eram só os erros de português.

Paulo conta que um assunto do momento pode servir de inspiração para suas poesias, que ele gosta de chamar de frases. "Quando paro uns cinco minutos para pensar, já surge. Gosto de pegar a caneta e escrever para não ficar perdido no ar."

Para esse "inventor de frases", escrever é um momento muito especial, onde ele consegue criticar uma situação, falar o que ele pensa

Mesmo assim, algumas se perderam, por isso, Paulo gostaria de gravá-las em uma fita.

Paulo disse ter mais ou menos 30 poesias. Quando ele vê que uma está ficando parecida com outra que ele já escreveu, ele joga fora; não gosta de repetir.

Para esse "inventor de frases", escrever é um momento muito especial, onde ele consegue criticar uma situação, falar o que ele pensa. "É como se eu estivesse me colocando nas entrelinhas, me vendo ali. É uma coisa que sai de dentro. Se eu tô com raiva, eu consigo colocar no papel, se eu tô feliz; eu também escrevo."

fotos: Graziela Christina de Oliveira

Apoio do pai e da mãe foi essencial para ajudar Paulo a superar essa revolta.

E acrescentou com um enorme sorriso: "É gostoso. É bom brincar com isso, eu chamo de brincadeira."

Dificuldades

Paulo conta que, quando adolescente, eles tinham uma criação de porcos. Certo dia, era a vez da irmã dele ir tratá-los. Mas ela não quiz e ele acabou indo no lugar dela.

No caminho, dois rapazes o abordaram para pedirem uma informação. Nisso, eles jogaram uma espécie de fumaça no rosto de Paulo, que não soube explicar muito bem o que era, e apagou.

Quando acordou, estava no segundo viaduto da BR 262. Foi muito agredido. Os rapazes bateram nele com um cabo de vassoura e até o colocaram num formigueiro. "Fiquei todo mordido, tenho as marcas até hoje," conta.

A implicância cresceu tanto que, um dia, foi até empurrado na escada. Paulo chegou em casa revoltado: queria quebrar o colete

Não satisfeitos, aqueles homens o jogaram num poço d´água para que se afogasse. Mas a água fez Paulo despertar e ele conseguiu se arrastar pelo barranco. "Fui cambaleando pela estrada, pedindo carona, mas ninguém dava," explica Paulo.

Meio perdido, Paulo conseguiu chegar até a acasa de sua tia, onde apagou mais uma vez. Acordou no CTI, ficando outros 40 dias internado. Até hoje, Paulo não sabe porque isso aconteceu. Ele acredita que seja por causa de uma briga de futebol, mas nada foi esclarecido.

Em virtude do sequestro, Paulo passou a usar um colete para proteger suas artilculações, já que tinha apanhado muito. Na escola, os colegas implicavam muito com ele: "Era ruim. Me chamavam de robocop," disse, meio triste, como se estivesse recordando esse episódio de sua vida.

A implicância cresceu tanto que, um dia, foi até empurrado na escada. Paulo chegou em casa revoltado: queria quebrar o colete, disse que não ia mais usá-lo e falou até em parar de estudar.

Mas sua mãe não deixou e "pegava no pé dele", como ele disse, em tom de brincadeira. Mesmo com a mãe em cima, ele deixou de usar o colete e acabou prejudicado.

Paulo sentia muita falta de correr e brincar. Queria participar da Guarda Mirim e quando via os primos com o uniforme dava uma certa inveja. Mas as brincadeiras tinham que ser deixadas de lado. Se fazia um movimento, logo vinha a dor nas articulações.

"Eu achava que aquilo não tava certo. Porque tinha que ser logo comigo e não com um daqueles?", disse com ar meio incrédulo. "Ficava olhando, mas eles podem e eu não. Ficava muito revoltado," completou.

O apoio do pai e da mãe foi essencial para ajudar Paulo a superar essa revolta. No hospital,

issuu-downloader.com

Paulo aproveita o tempo também para "pintar sua arte"

ele sempre ficava na enfermaria com outras crianças. Sua mãe, então, falava que elas tinham problemas até mais sérios mas, mesmo assim, estavam sorrindo. "Toda vez que eu via as crianças brincando, vinham aquelas imagens do hospital. Isso me ajudava muito," explica.

Paulo teve que enfrentar ainda outras dificuldades. As financeiras fizeram com que ele começasse a trabalhar aos 15 anos.

Seu pai sofreu um acidente na coluna e não podia trabalhar. Mas a aposentadoria não ajudava muito. Por isso, quando a mãe não arrumava trabalho como doméstica, ia para a lavoura colher café e levava os filhos.

Depois do café, veio o algodão A colheita não dava aquele rendimento, mas ajudava. "Conseguia uma arroba, enquanto outros tiravam 30", conta com uma grande gargalhada.

Além disso, levantar de madrugada para trabalhar não fazia bem a Paulo. A friagem complicava a anemia e acabou ocasionando uma inflamação nos joelhos e, mais tarde, uma atrofia muscular.

Teve que se submeter a uma drenagem e ficar cerca de dois meses no hospital para se recuperar. Depois disso, ficou um ano e dez meses em uma cadeira de rodas, dessa vez, em casa. Mas dependia muito do auxílio dos pais para fazer qualquer coisa.

A friagem complicava a anemia e acabou ocasionando uma inflamação nos joelhos e, mais tarde, uma atrofia muscular

Para ajudar Paulo, seu tio trouxe, se São Paulo, um par de muletas. Isso trouxe uma enorme alegria para ele e mais esperança para se recuperar. "Mesmo caindo, eu tentava ficar em pé. Consegui me esforçar mais, se não, estaria na cadeira de rodas até hoje," conta.

Mas Paulo ainda ia passar por uma situação mais difícil. Em 1999, teve um cálculo na vesícula e precisou retirá-lo. Durante a cirurgia, parte da bílis caiu em seu fígado, gerando uma crise hepática.

Paulo teve que ficar mais de um ano com uma sonda. Depois, foi para Ribeirão Preto, onde ficou um mês sob um regime forçado. Não podia comer, nem tomar água. E ver os outros comendo era difícil aguentar. "Tive que superar aquilo. Custou mas foi. Não via hora de passar. Toda vez que eu via a refeição eu falava que quando eu estivesse bom eu ia pra uma churrascaria. Só que até hoje eu não consegui", conta rindo.

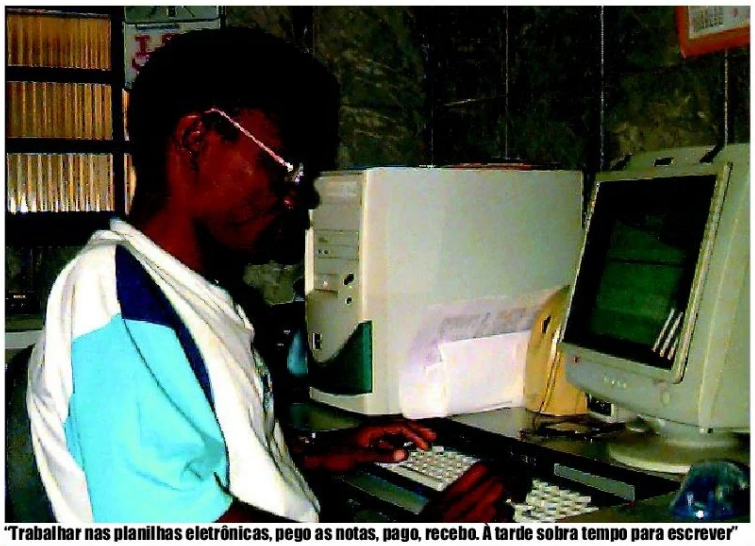
Paulo também trabalha como diretor financeiro na Associação Regional dos Falcêmicos (ARFA), fundada há um ano e dois meses

A última crise veio em março, quando um amigo dele faleceu. Já tinha perdido seu tio recentemente, então, estava emocionalmente abalado. Ficou duas semanas internado, todos receosos de que ele tivesse uma parada cardíaca. "Aí eu falei: ótimo, mas eu sou vaso ruim, não quebro assim não", e ri novamente.

Hoje, ele consegue controlar as crises, tomando remédios e muito líquido, e se protegendo do frio (ele usa duas calças). Exposição a temperaturas muito baixas e desidratação são as situações mais comuns que podem levar à falciformação das hemáceas.

Os remédios têm que ser tomados todos os dias. Alguns são mais baratos e Paulo os consegue em postos de saúde. Mas tem um que é mais caro e precisa ser requerido em Belo Horizonte. Este, ele revela que não está tomando: "Mais tarde, quem sabe", ri, meio tímido.

De vez em quando, apenas um dorzinha básica, passageira, surge. Paulo diz que ela não pode deixar de vir, se não, sente falta. "É bom ela tá ali, pra me lembrar, se não fico lerdo e não me cuido."



"Trabalhar nas planilhas eletrônicas, pego as notas, pago, recebo. À tarde sobra tempo para escrever"

A ADEFU

Quem descobriu a Associação de Deficientes Físicos de Uberaba (ADEFU) foi a mãe de Paulo. Ela ficou sabendo que seria fundada essa associação e foi até a prefeitura se informar, mas Paulo não colocou muita fé. Nessa época, ele tinha conseguido um emprego de cobrador numa empresa de ônibus da cidade.

Depois de uma ano e nove meses, saiu do emprego e foi para a ADEFU, quando a sede ainda era no bairro Parque das Américas: "Não sabia se aquilo ia dar certo, se era mesmo pra mim."Lá ele conheceu muita gente em situação mais difícil que a dele e, novamente, ele se lembrou das crianças no hospital. Aos poucos, Paulo foi conhecendo melhor a associação.

Em 2001, veio o convite do diretor da ADEFU, Paulo Nogueira, para ser diretor financeiro. Na ocasião, ele não acreditou muito nessa possibilidade. "Eu disse que não era capaz, não tinha feito nada na área, não sabia como fazer. Mas se ele estava confiando, alguma qualidade devia ter", explica.

No começo foi um pouco complicado. Toda a situação da ADEFU tinha que passar pelos crivos municipal, estadual e federal. Mas com a ajuda de todos, toda a documentação foi aprovada. "Deu tudo certo, com a ajuda de todo mundo. Se a gente quer crescer, eles ajudam".

Para se aperfeiçoar, Paulo está fazendo cursos de captação, gestão e elaboração de projetos. Além disso, também está fazendo escola de governo, que prepara para a vida política. Mas ele quer é aprender a teoria para usar na ADEFU.

Quando pergunto se ele gosta do seu trabalho, ele dá uma grande gargalhada. "'E fantástico. Eu chego, procuro trabalhar nas planilhas eletrônicas, pego as notas, pago, recebo. À tarde sobra tempo para escrever."

Paulo também trabalha como diretor financeiro na Associação Regional dos Falcêmicos (ARFA), fundada há um ano e dois meses. A ARFA não tem sede, o sonho é ter uma igual à da ADEFU.

O falcêmico precisa do atendimento na hora e, na maioria das vezes, isso não é possível. "Eu já fiquei esperando 13 horas e fui embora sem ser atendido, com crise forte e dores nas articulações. Isso é horrível." Além do atendimento ficar prejudicado por causa de outros pacientes, a falta de remédios também é um outro obstáculo. "O Hospital Escola não te ajuda por causa da crise e quando tem remédio, é só o básico."

O falcêmico não tem uma vida longa. Em Uberaba, existem 180 e, o mais velho tem 45 anos. Paulo é o terceiro, com 40. A falta de conhecimento e de tratamento são as principais causas que não dão ao falcêmico a chance de ficar velho.

continua →

issuu-downloader.com

Pedagogia Especial

Paulo foi tema de um trabalho de conclusão de semestre do curso de Pedagogia Especial da Universidade de Uberaba. Sonielly Alves de Oliveira, aluna do 4º ano, que já conhecia Paulo quando começou a fazer estágio na ADEFU, no início do ano, o convidou.

Paulo se assustou com o convite de Sonielly: "Por que eu? Será que essa história vai ter tanta importância assim?", disse. Mas ele sabia que aquilo, mais tarde, ia ajudar alguém.

O trabalho foi proposto pela professora do curso, Denise Rodovalho Scussel Teles, que queria que fosse feita uma história de vida com pesquisa também da patologia. "O objetivo não é só a questão do mal conhecimento da patologia dentro da disciplina, precisa conhecer o que leva a essa deficiência e ter um maior contato com o cotidiano da pessoa portadora", explica a professora.

Ela diz que a Pedagogia Especial difere da Pedagogia Normal Superior em algumas matérias que, para ela, não deveria existir. "A gente acredita que daqui a um tempo vai chegar todo e qualquer tipo de criança na sala de aula até por causa da inclusão social de que tanto tem se falado. E essa professora tem que estar preparada para receber esse aluno."

Denise falou, ainda, que o próprio nome "especial" já discrimina muito. "Quando se fala em deficiente mental e doente mental, as pessoas se assustam. O país não está preparado." E mesmo com essa barreira, ela se surpreendeu pela profundidade com que suas alunas foram no trabalho.

Sonielly levou dois meses para fazer o trabalho, conversando com Paulo na ADEFU e na casa dele. A pesquisa, que comparou a teoria estudada com a prática, enfocando as atividades de vida diária (ADV) foi muito importante para Sonielly. "É uma lição de vida. Uma pessoa sofrida que superou e supera até hoje as dificuldades.

O Presente

Nas suas lembranças, Paulo se recorda de seu pai que faleceu em 1994 e pensa que gostaria de ter mostrado mais o seu amor a ele. "Agora não adianta. Ele já foi. Como colocar esse amor pra ele? Isso me faz refletir bastante", diz pensativo.

Ele disse que a relação entre eles era boa e havia muita brincadeira, mas não foi o suficiente para seu pai saber o quanto o filho lhe amava.

Agora, ele quer compensar essa "falha" com sua mãe. Apesar dela estar ocupada, ajudando a filha na venda de salgados e não ter muito tempo, ele quer se envolver mais. "Eu tô sempre cobrando isso, mas nunca ponho em prática", solta uma gargalhada.

"Às vezes eu acho que a morte tá logo ali na esquina, que seu virar ali, acabou. Acho que não tem muito o que pensar ou fazer lá na frente, eu tenho é que viver aqui e agora"

Ao perguntar se hoje ele se considera uma pessoa feliz, ele solta um "hum" comprido e me olha, desconfiado: Eu poderia dizer feliz entre aspas".

Paulo disse que está faltando a pessoa amada, que teve, mas não soube valorizar. "Aquela história de macho é sério", comenta com um muxoxo.

Em 1988 ele tinha uma namorada, mas acabou se envolvendo com a irmã dela e, claro, o namoro acabou.

Até hoje, ele não encontrou essa pessoa certa. O arrependimento é forte, principalmente quando ele vê seu ex-amor com a família e pensa que poderia ser com ele. "Hoje eu sei que perdi a pessoa que eu acho que eu amei de verdade e que me amou também", diz com um ar pensativo. "Quem sabe, depois de banguelinho?", completa.

Paulo diz que a gente tem que fazer o que quer e hoje, não deixar para amanhã para não se arrepender.

"Às vezes eu acho que a morte tá logo ali na esquina, que seu virar ali, acabou. Acho que não tem muito o que pensar ou fazer lá na frente, eu tenho é que viver aqui e agora. Sonho a gente sempre tem muito. Acho que não vai dar tempo de realizar tudo, mas que seja um. O que eu procuro é fazer hoje porque eu tô afastando mais essa esquina. Acho que eu tô passando por mais dois quarteirões!", finaliza, rindo, esse modesto poeta. **(G.C.O.)**

Os seus gorjeios

Vi os teus olhos, e eles me falaram do teu ser...
Vi a tua luz, e ela me mostrou o teu brilho...
Vi tuas entranhas, e elas me apresentaram a tua alma...
Vi a tua pele, e ela me contou do teu calor...

Perguntei às flores, e elas me falaram do teu perfume...
Perguntei aos pássaros, e eles me mostraram os seus gorjeios...
Perguntei às crianças, e elas me apresentaram o teu sorriso...
Perguntei para os meus devaneios, e eles me falaram das noites de teus olhos...

Falei com o vento, e ele me disse dos teus cabelos despenteados...
Falei com a chuva, e ela me disse do teu corpo molhado...
Falei com as estrelas, e elas me contaram da tua constelação...
Falei com os meus anseios, eles me falaram dos teus desejos de mulher...

Sei que agora posso sorrir, para tua amizade...
Sei que agora posso sentir o teu cheiro...
Sei que agora posso viver com os teus sonhos...
Sei que agora posso saborear o teu batom...

Olhei para a tua linda face, e senti a beleza de um rosto, de um anjo...
Olhei para a tua boca, e senti a imaginação do fogo, de um desejo...
Olhei para o teu corpo, e vi o corpo de flor, de uma menina mulher...
Olhei para as tuas mãos, e senti o toque de um arrepio, em meu coração...

Poderia te dizer isto tudo, mas as palavras ficam mudas com o teu olhar...
Poderia te tocar, mas fico paralisado coma tua presença...
Poderia te falar das flores, mas você me mostrou o jardim do teu ser...
Poderia te mostrar os meus sentimentos, mas os teus olhos me disseram da esperança...

Paulo Roberto da Silva
10/02/02

issuu-downloader.com

Universidade

Curso de Turismo realiza Feira cultural

Neste ano o tema é Patrimônio da Humanidade

Da redação

Nos dias 22 e 23 de outubro, das 19h às 22h30, no bloco N do Campus Aeroporto da Uniube, o curso de Turismo realizará mais uma "Feira Cultural", onde serão expostos trabalhos com o tema *Patrimônios da Humanidade*.

As aresentações mostrarão peculiaridades de Ouro Preto, São Luiz do Maranhão, Brasília, Floresta Amazônica e Pelourinho, algumas das localidades brasileias consideradas pela Unesco como patrimônio da humanidade.

Toda a comunidade está convidada para os dois dias de evento. A entrada é franca.

arquivo Revelação

Pelourinho, em Salvador (BA) será um dos temas

Abertas as inscrições para Unitalentos 2003

Evento revela talentos do curso de Comunicação Social

Da redação

Para divulgar os trabalhos realizados em sala-de-aula, os prêmios conquistados em festivais e as habilidades artísticas dos alunos de Jornalismo e Publicidade & Propaganda da Uniube, o curso de Comunicação Social promove a segunda edição do UNITALENTOS. A idéia é incentivar a produção acadêmica dos estudantes e divulgar seus trabalhos para a comunidade universitária e para o mercado de trabalho.

A mostra acontecerá de 17 a 28 de novembro, no Bloco L, no Campus Aeroporto da Uniube. Os trabalhos serão expostos em painéis e contemplarão as categorias Produção Gráfica, Fotografia, Jornal Revelação, Artigos, Prêmios conquistados, Espaço Livre (escultura, estória em quadrinhos, desenhos, poesias, quadros, entre outros) Televisão e Rádio.

Para participar da mostra, os alunos deverão entregar os trabalhos até 10 de novembro, às 22h30 horas, para Valquíria ou Sr. Vicente no bloco L. Devem vir identificados com nome do aluno, período ou ano, curso, nome da disciplina, do professor e do tema do trabalho. O aluno que desejar expor seu trabalho no Espaço Livre deverá procurar a Profª. Blueth Sabrina no bloco L, sala 3, nas terças-feiras, das 15h às 18hs.

issuu-downloader.com

Artigo

Interlúdio do epitáfio burguês

Jamil Idaló Júnior
2º ano de História

reprodução

"Os valores universais, na esfera da modernidade, foram dizimados, aniquilados. Não há mais valores de transcendência, estamos num funcionamento total, operacional, estratégico. Valores como a democracia ou direitos humanos são instrumentalizados a serviço da própria superpotência, que age em contraponto ou mesmo em contradição com seus próprios valores".
Jean Baudrillard.

Assim como disse Sartre: "O homem está condenado a ser livre", em afirmação categórica, me inspira a afirmar: A burguesia capitalista, agonizante, está condenada à morte.

A ideologia neoliberal, a partir do momento que contradiz os preceitos básicos de sua existência, está não obstante, fadada a se extinguir. Pois os ideais do Iluminismo que norteiam o modo de vida da civilização ocidental contemporânea, estão sendo subjugados em prol de uma deslegitimização da sociedade norte-americana. Ora, se a nação que primeiro propagou os conceitos dos *pensadores das luzes,* que antes de todas as outras cultuou o sincretismo religioso, que defendeu os direitos humanos como sentido pleno da existência de sua sociedade, nega o liberalismo de modo tão efusivo, o que sobrará para o resto do mundo?

A partir do momento em que o imperialismo norte-americano "cria uma guerra", a fim de principalmente, subsidiar sua fabricação bélica e retaliar os atentados de 11 de setembro de 2001, sacrificando a vida de seus soldados, apenas para dar uma demonstração de força, está realmente demonstrando o descaso com o seu próprio povo. Renegando os nobres ideais da Revolução Francesa, base primária de sustentação do "modo americano de vida". E o envio de cocaína para ser consumida pelo seu exército, a fim de lhe dar mais coragem, extrapola todos os limites de respeito à pessoa humana, transforma seus soldados em autômatos, aliena-os ao sistema, extingui-lhes o livre arbítrio de serem racionais, para engrandecimento de um império cruel.

A ideologia neoliberal, a partir do momento que contradiz os preceitos básicos de sua existência, está não obstante, fadada a se extinguir

Por outro lado, *o terrorismo invisível é a decadência definitiva da cultura ocidental*. Não se trata simplesmente das formas violentas de terrorismo, das explosões, dos homens bomba, de sociedades famintas de revoltosos. Mas, de algo mais profundo, de um ideal de combate ao unilateralismo dominante dos EUA. O exemplo que melhor reflete esta questão é Osama Bin Laden, multimilionário, parte integrante da elite dominante que, no entanto, se rebela contra a própria, declara uma "guerra santa" e simbolicamente humilha a nação poderosa.

Portanto, o combate à superpotência está presente no *imaginário coletivo* de toda nação que sofre com a opressão norte-americana, criando com isso um inimigo poderoso, fantasmagórico, invisível e desaparecido entre a população. Como combatê-lo?

A disjunção da sociedade dos EUA face aos seus ideais e o crescente terrorismo internacional, somados à globalização política e econômica mundial e ao contrabando de drogas e armas, está pondo em xeque a civilização ocidental.

Então, se estamos realmente condenados a sermos livres, resta-nos a tarefa de nos modificarmos estruturalmente e sociologicamente, de preservarmos a natureza, de lutarmos por uma melhor distribuição de renda e, principalmente, de valorizarmos a dignidade humana.

Crônica

Ódio do nada

Mariana Costa
2º ano de Letras

reprodução

Pode ser. Talvez o louco da história toda seja eu, não me importo, não me interesso por nada e nem por ninguém, dane-se quem se incomodar, a minha lei é: "Je ne regrette rien"* já ouviu? Estou preso, internado em meus pensamentos, coma profundo, nunca me movimento, já não tenho sentimentos ou sofrimentos, quase morto.

A morte é uma mulher, é bela e de olhar doce, a maior causadora das angustias e loucuras humana, pensar nela é sentir o seu beijo, perfeito. Espero por ela, tenha pressa em viver , viverei pouco e isso é bom. Sempre a desejei ardentemente, sempre.

Não gosto de você. Eu não gosto de ninguém, sou o homem e não quero amigos, não preciso deles, muitos se acreditam melhores e quem estiver próximo a mim é certamente parecido comigo, ao demais adeus. Sou o rei, Viva o rei! O rei morreu e rei morto, rei posto, Viva o rei!

Tive tudo e assim não tive nada, odeio o amor, não foi feito para gente comum, é idéia de poeta, besteira. Mulheres são corpos quentes, corpos que se aconchegam e acreditam no amor, os homens juram amor para receber deste calor, mas eu nunca o fiz, palavra maldita que nunca sai da minha boca.

Boca, lembra beijo, nunca me beijaram sequer por afeto, sujo e desprezado, beijos só pelos bolsos cheios. Olhares também cheios de um amargo prazer em não viver e de uma quase dor em nunca ter o que se pode querer.

Pode ser. Não me julgo um louco, apenas um infeliz com capacidade de atingir e ser atingido sempre, para mim não existe inocência nas palavras. Não gosto de você, eu nunca irei gostar, você sabe que eu sou homem, tive tudo e assim não tive nada, ficarei aqui meio morto esperando a boca da morte que é uma mulher, a única que irá me beijar sem pedir nada em troca.

A morte é uma dama, a vida é que é prostituta.

** Je ne regrette rien -> Canção de Charles Dumont e Michael Voucaire.*

issuu-downloader.com

Ausência a porta de um novo ser

Ana Paula De Vito
2° ano de Letras

Sinto falta das suas mentiras.
Sinto falta de suas promessas jamais cumpridas.
Sinto falta de seus esforços iniciais e mais tarde mensagem jamais concluída.
Quando a noite surgia meu relógio despertava e eu sorria.
Quando amanhecia sabia que era menos um dia.
Poderia nunca te perdoar.
Poderia levar infinitamente a raiva explícita.
Mas não.
Seu papel de vítima abandonada me fez carregar durante tempos esperança.
Minha consciência sabia sem vidência o que você queria.
Palavras desconhecidas em meu coração jamais pensei que ouviria.
Por que ainda existe?
Eu já esquartejei meu peito para que seu sangue escorresse na porta por onde saiu.
Não te culpo.
Não te venero.
Não exijo a verdade.
Muito menos o seu conselho.
Apenas acreditei no seu valor.
Apenas fingi que enxergava.
Sei que fui cega.
Sei que fui tola.
Agora vivo, minha visão me permite enxergar a realidade.
Vejo realmente quem se importa com minhas lágrimas
que você enxugava apenas com falsas palavras.
Ontem eu estava morta,
Desafios fora do meu alcance por você fui capaz de cumprir.
Hoje vivo.
Achei o final do túnel, cujo caminho você nunca me ensinaria.
Amanhã queria poder desejar felicidades sem a vida te cobrar.
E eternamente esquecer que você fez parte do meu ser.

Yane Christensen's (reprodução)

issuu-downloader.com

BRASIL

SENAI
Olimpíada do Conhecimento 2003

APOIO:

UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

issuu-downloader.com